



fisga

"QUEM SABE TUDO É PORQUE ANDA MUITO MAL INFORMADO"

Bens essenciais, preços de luxo?

EM CASA PAGAMOS A ELETRICIDADE E O GÁS MAIS CAROS DA EUROPA. PESA A CARGA FISCAL QUE INCIDE SOBRE A ENERGIA E PESAM OS INVESTIMENTOS FEITOS PELO SECTOR NOS ÚLTIMOS ANOS. OS SERVIÇOS ESSENCIAIS CUSTAM MAIS ÀS FAMÍLIAS PORTUGUESAS DO QUE ÀS DOS PAÍSES DOS BALCÃS E DE LESTE

TEXTO MIGUEL PRADO INFOGRAFIA OLAVO CRUZ



fisga

Custa-nos mais a nós,
portugueses, suportar a fatura
da luz do que aos alemães,
espanhóis, romenos e polacos

Nas despesas que as famílias têm com serviços básicos como a energia é recorrente a ideia de que pagamos demais por bens essenciais como a eletricidade, que nos conserva os alimentos no frigorífico, e o gás, que usamos para cozinhar ou para aquecer a água do banho. E o que pagamos, em comparação com os nossos vizinhos europeus, é muito ou pouco? Os números publicados pelo Eurostat mostram que a fatura energética que chega às famílias portuguesas é a mais cara da Europa, tendo em conta o poder de compra.

Em paridade de poder de compra, indicam os dados do Eurostat, as famílias portuguesas pagam mais pela eletricidade do que os consumidores domésticos de qualquer outro país da União Europeia. Custa-nos mais a nós, portugueses, suportar a fatura da luz do que aos alemães, espanhóis, romenos e polacos. No gás natural a mesma coisa. O preço para clientes residenciais em Portugal é o mais caro da Europa, batendo o custo que este serviço tem na Bósnia, Bulgária, Sérvia e República Checa, outros países que encabeçam a lista dos mais caros.

Os dados ajustados pelo poder de compra nivelam os preços médios de cada país de acordo com os diferentes níveis de rendimento, o que atira o custo total do kilowatt hora (kWh) de eletricidade em Portugal para 29,3 cêntimos, e põe o preço do kWh de gás natural nos 12,5 cêntimos. Preços que ficam 41% acima da média da União Europeia (UE) no caso da eletricidade e 89% acima da média da UE no gás. Uma diferença... colossal?

Há um par de anos, a propósito das queixas sobre os preços da energia em Portugal, o presidente da EDP, António Mexia, respondeu igualmente com estatística. Numa conferência na Ordem dos Engenheiros, Mexia falava sobre o custo da energia para a indústria. E assegurou que os preços da eletricidade em Portugal para as empresas eram inferiores aos de Espanha e ficavam abaixo da média europeia. "Não vale a pena torturar os números para darem as conclusões que se pretende", afirmou então o gestor.

Concentremo-nos no segmento de consumo doméstico. Se o Eurostat nos mostra que em

paridade de poder de compra Portugal tem a eletricidade e o gás mais caros da Europa, o mesmo organismo estatístico indica-nos também que, vistas as coisas por um outro prisma, até temos preços abaixo da média. Analisando os preços sem os ajustar pelo poder de compra de cada país, e excluindo impostos e taxas, as famílias portuguesas pagam pela eletricidade 11,5 cêntimos por kWh, um custo 18% abaixo da média europeia, e que põe Portugal na metade de baixo da tabela.

No gás natural para clientes domésticos, as famílias portuguesas pagam o gás mais caro da Europa, qualquer que seja o prisma. Mesmo sem recorrer à paridade de poder de compra e excluindo a carga fiscal, o preço de cada kWh de gás em Portugal é de 7,5 cêntimos, o valor mais elevado da UE e 46% acima da média. O secretário de Estado da Energia, Jorge Seguro Sanches, tem aqui uma das preocupações do seu mandato. "Temos o gás natural mais caro da União Europeia", observa o governante. O que fazer? "No gás natural, o objetivo é criar um verdadeiro mercado ibérico, porque isso significa que as tarifas em Portugal poderão descer", disse Seguro Sanches ao Expresso.

A fatura da água é outra despesa mensal que retira alguns euros ao rendimento disponível das famílias. No entanto, o seu peso no orçamento doméstico é bem menor. Dados da Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos (ERSAR), relativos a 2014, indicam que em média

**"NO GÁS NATURAL, O OBJETIVO É CRIAR UM VERDADEIRO
MERCADO IBÉRICO, PORQUE ISSO SIGNIFICA
QUE AS TARIFAS EM PORTUGAL PODERÃO DESCER",
DISSE O SECRETÁRIO DE ESTADO DA ENERGIA**



AS CONTAS DA CASA

Fatura média (€/mês)



Consumo médio de 196 kWh por mês

DADOS DE 2015 DA ERSE



Consumo médio de 26 metros cúbicos por mês

DADOS DE 2015 DA ERSE



Consumo médio de 10 metros cúbicos por mês

DADOS DE 2014 DA ERSAR

PORTUGUESES PAGAM A ENERGIA MAIS CARA DA EUROPA

Preços mais caros da Europa em paridade de poder de compra, centimos por kWh

ELETRICIDADE

1	PORTUGAL	29.3
2	Alemanha	28.3
3	Espanha	25.8
4	Roménia	25.4
5	Polónia	24.7
Média da União Europeia		20.8

PREÇOS INCLUINDO IMPOSTOS E AJUSTADOS PELO PODER DE COMPRA.

GÁS NATURAL

1	PORTUGAL	12.5
2	Bósnia	10.6
3	Bulgária	10.1
4	Sérvia	09.9
5	República Checa	08.9
Média da União Europeia		06.6

JOVENS ÀS ESCURAS...

Percentagem de jovens que consideram a sua habitação mal iluminada



1	Bulgária	11,9
2	Hungria	11,3
3	PORTUGAL	9,8
4	Letónia	8,8
5	Sérvia	8,3
Média da União Europeia		6,1

FONTE: EUROSTAT

cada lar gasta mensalmente um pouco mais de 7 euros na conta da água (trata-se de uma média nacional contabilizada pelo regulador, já que de concelho para concelho há ainda uma grande disparidade tarifária). É um valor muito aquém da fatura média mensal de 24 euros no gás natural e de quase 48 euros na energia elétrica. Os três serviços são essenciais. Os números oficiais indiciam que o acesso à água em Portugal é uma questão relativamente bem resolvida. O país tem tido um forte investimento em infra-estruturas, que vêm permitindo aumentar a cobertura nacional dos serviços de água e saneamento. Na energia houve também elevados investimentos. Portugal tem uma qualidade de serviço na distribuição de eletricidade considerada "excelente" pelo regulador. Mas de acordo com o Eurostat, em Portugal quase 10% dos jovens até aos 18 anos consideram a sua habitação como mal iluminada: ficamos apenas atrás da Bulgária e da Hungria neste indicador de bem-estar (ou falta dele).

O PORQUÊ

Na energia, uma parte da explicação para os elevados custos que famílias e empresas suportam está no isolamento da Península Ibérica face ao resto da Europa. Ao funcionar quase como uma ilha (dado que as interligações de eletricidade e gás entre Espanha e França são reduzidas), Portugal e Espanha não têm acesso aos mercados do centro da Europa, que geralmente têm preços

mais baixos. O isolamento energético da Península Ibérica é visto em Bruxelas como um problema a resolver, mas este é um dossiê delicado. Investir em redes elétricas e gasodutos que permitam aumentar os fluxos de energia entre a Ibéria e o resto da Europa tem o seu preço. Portugueses e espanhóis beneficiariam com acesso a energia mais barata. Mas que incentivo teria França para abrir as portas do seu mercado energético à produção ibérica, hoje mais cara? Portugal e Espanha sugerem que o resto da Europa poderá comprar, a preços competitivos, os abundantes recursos de energia renovável da Península, sobretudo eólica e solar.

Mas a questão do isolamento energético ibérico não explica tudo. Ao longo de anos, Portugal e Espanha investiram milhares de milhões de euros em projetos energéticos, que agora são um custo relevante nas tarifas pagas pelo consumidor final. Torres eólicas nasceram como cogumelos de norte a sul do país e na vizinha Espanha o mesmo aconteceu com centrais fotovoltaicas. Mas fontes como a eólica e a solar são intermitentes. Para evitar apagões, a rede elétrica precisa de capacidade de backup para responder quando o vento e o sol falham. A resposta é dada por centrais alimentadas a carvão ou a gás, mas muitas dessas centrais operam hoje a níveis reduzidos. Eólica, solar, barragens, centrais termoeletricas e linhas de alta tensão para transportar a energia. Quem paga tudo isso? Tendencialmente o consumidor. Mas pode fazer

se algo para tirar Portugal do topo da tabela entre os que têm a energia mais cara?

"Pode-se sempre fazer alguma coisa desde que haja vontade política", comenta Henrique Gomes, antigo secretário de Estado da Energia. "Neste momento, 90% da produção de energia elétrica tem preços e rentabilidades asseguradas", acrescenta Henrique Gomes, para quem a solução passa por obrigar os produtores de eletricidade a negociar a sua energia em condições de mercado "o mais depressa possível". Ou então limitar a quota de comercialização de empresas com posição dominante no negócio da produção, sugere o ex-governante. No caso do gás natural, como Portugal não produz este recurso, a redução de custos futuros está dependente da capacidade de importar a matéria-prima a custos mais baixos e não permitir uma escalada dos custos associados aos gasodutos.

Na eletricidade, em particular, há um outro fator que torna muito remota a hipótese de que os custos das famílias e empresas venham a baixar. A dívida tarifária do sector elétrico (gerada porque durante anos as tarifas de venda a clientes finais não cobriram todos os custos, por decisão dos governos PS e PSD/CDS) ronda quase €5 mil milhões. Um fardo que terá de ser amortizado nas tarifas dos consumidores portugueses ano após ano. E que mostra que, mesmo liberalizado, o mercado energético português continua preso aos custos do passado. Com encargos crescentes para o futuro. ●